

A relevância dos quatro pilares da educação para o século XXI

The relevance of the four pillars of education
for the 21st century

La relevancia de los cuatro pilares de la
educación para el siglo XXI

Mba'érepa tuicha umi tekombo'e yta
irundyve ko sa'ary XXI-me

Luiques Tunes Araujo Ferreira
Sabrina Karen Oliveira Souza
Fabiana Mendes Alves Macedo
Isabel Cristina Santana Santos

Universidad Tecnológica Intercontinental

Nota do autores

luiquestunes@hotmail.com

Rede Municipal de Piatã-BA. Centro Educacional Arquimedes Almeida
sabrinakaren.mat@gmail.com

Rede Estadual da Bahia. Colégio Estadual Horácio de Matos
criscabralia0@gmail.com

Rede Municipal de Piatã-BA. Centro Educacional Arquimedes Almeida
mendesfabiana2010@gmail.com

Rede Municipal de Piatã-BA. Centro Educacional das Cruzes

Resumo

Este artigo explora os quatro pilares da educação para o século XXI propostos pela UNESCO em 1996: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Discutimos como esses pilares podem ser aplicados na prática educacional, considerando as diferentes áreas e níveis de ensino, e apresentamos exemplos concretos de como eles estão

sendo implementados em diferentes contextos educacionais, tanto nacionais quanto internacionais.

Palavras-chaves: quatro pilares, UNESCO, prática educacional, implementação.

Abstract

This article explores the four pillars of education for the 21st century as proposed by UNESCO in 1996: learning to know, learning to do, learning to live together, and learning to be. We discuss how these pillars can be applied in educational practice, considering different areas and levels of education, and present concrete examples of how they are being implemented in various educational contexts, both nationally (for Brazil) and internationally. Furthermore, we highlight the main findings and contributions of this research.

Keywords: four pillars, UNESCO, educational practice, implementation.

Resumen

Este artículo explora los cuatro pilares de la educación para el siglo XXI propuestos por la UNESCO en 1996: aprender a conocer, aprender a hacer, aprender a vivir juntos y aprender a ser. Discutimos cómo estos pilares pueden aplicarse en la práctica educativa, considerando diferentes áreas y niveles de educación, y presentamos ejemplos concretos de cómo se están implementando en diferentes contextos educativos, tanto nacionales como internacionales.

Palabras clave: cuatro pilares, UNESCO, práctica educativa, implementación

Ñemombykypyre

Ko jeporekapy reheae ojepovyvy tekombo'e yta irundyvéva rehe ko sa'ary XXI-me ñuarã, ogueropojáiva UNESCO 1996-me: ojekuaapyhykuaa, oñemba'apokuaa, ojeikovekuaa oñondive ha ojeikovekuaávo. Oñeñomongeta mba'éicha oñemoañetekuaa ko'ã yta tekombo'e ñemboguatápe, ojererekóvo tesa renondépe

opáite área ha nivel ñekombo'epegua; upéichante avei oñembotechapyrã mba'éichapa oñemboguataháina heta hendápe tekombó'épe, taha'e kóva ha ambue tetãme.

Mba'e mba'e rehepa oñeñe'ẽ: irundyve yta, UNESCO, tekombó'e ñemboaje, ñemboguata.

A relevância dos quatro pilares da educação para o século XXI

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento humano e social, e enfrenta desafios e mudanças significativas no século XXI. Neste artigo discutimos os quatro pilares da educação para o século XXI propostos pela UNESCO em 1996: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Esta pesquisa apresenta uma visão geral de cada um deles e como podem ser aplicados na prática educacional, além de exemplos concretos de como estão sendo implementados em diferentes contextos educacionais.

A problemática que motivou a pesquisa é a necessidade de aprofundamento de estes quatro pilares da educação para o século XXI para mostrar a sua pertinência no processo de educacional. As perguntas de pesquisa que norteiam o artigo são: Qual é a relevância dos quatro pilares da educação para o século XXI? Como esses pilares podem ser aplicados na prática educacional? Quais são os exemplos concretos de como esses pilares estão sendo implementados em diferentes contextos educacionais?

A justificativa da pesquisa é que os quatro pilares da educação são uma proposta inovadora e abrangente que tem em vista integrar as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e éticas da educação, além de estar alinhada com os princípios da educação para o desenvolvimento sustentável. Essa justificativa se baseia na importância da educação na formação de uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável.

O método adaptado nesta investigação é o esquema líneal, onde se estabelece pergunta e se busca responder a partir de teoria existente. Esse implica a utilização da técnica de “ficha bibliográfica” para proceder a elaboração sistemática e crítica sobre cada dimensão assinalada nas perguntas. O artigo se enquadra dentro de uma pesquisa de revisão bibliográfica que explora os quatro pilares da educação para o século XXI propostos pela UNESCO em 1996. Para isso, foram utilizadas

fontes confiáveis e relevantes sobre o tema, como artigos científicos, livros e documentos oficiais da UNESCO. O método adaptado para a pesquisa foi a análise crítica dessas fontes, buscando compreender a relevância dos quatro pilares da educação para a educação atual e como podem ser aplicados na prática educacional.

A partir das variáveis das perguntas, o artigo apresenta uma visão geral de cada um dos quatro pilares da educação para o século XXI e como podem ser aplicados na prática educacional. Além disso, são apresentados exemplos concretos de como esses pilares estão sendo implementados em diferentes contextos educacionais, tanto nacionais quanto internacionais. O artigo conclui destacando a importância da educação na formação de uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável, e como os quatro pilares da educação podem ser uma ferramenta valiosa para alcançar esse objetivo.

A estrutura deste artigo é composta por as seguintes seções. A seção introdutória, que inclui uma breve descrição do tema, da problemática, as perguntas da pesquisa, a justificativa e o método adaptado. A segunda seção se concentra no desenvolvimento do objeto da pesquisa estabelecida nas perguntas e uma seção conclusiva.

Os quatro pilares da educação

Os quatro pilares da educação para o século XXI foram propostos por Jacques Delors e estabelecidos pela UNESCO em 1996, como uma estratégia para alcançar uma educação mais eficaz para toda a população mundial. Esses pilares são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Eles visam integrar as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e éticas da educação, bem como alinhar a educação com os princípios do desenvolvimento sustentável. Nesta seção, vamos explicar cada um desses pilares e seus fundamentos.

Relevância do paradigma: Aprender a Conhecer. Sinergias entre Tecnologia e Inovação no processo de aprendizado

O primeiro pilar da educação para o século XXI é aprender a conhecer, que consiste em compreender profundamente tanto o nosso mundo ao redor quanto a nossa própria natureza, visando alcançar um nível de vida digno e significativo. Além disso, esse pilar envolve o desenvolvimento de habilidades relevantes para a realidade atual, com destaque para a capacidade de pensar logicamente e agir com autonomia. Para isso, o diálogo e a interação dialógica/dialética são fundamentais para o processo de aprendizagem, ao permitirem a troca de ideias e a construção conjunta do conhecimento. Essa abordagem está alinhada com o conceito de aprender a conhecer, que enfatiza a importância de desenvolver habilidades de pensamento crítico e reflexivo, bem como a capacidade de aprender continuamente ao longo da vida. A tecnologia pode desempenhar um papel importante nesse processo, ao permitir a comunicação e a colaboração entre pessoas em diferentes lugares e contextos, ampliando as possibilidades de diálogo e interação. No que se refere ao primeiro pilar, o autor enfatiza que:

Este tipo de aprendizagem que visa não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como uma finalidade de vida humana. Um meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. (Delors, 1998, p. 90-91)

O principal objetivo deste pilar é compreender profundamente tanto o nosso mundo ao redor quanto a nossa própria natureza, visando alcançar um nível de vida digno e

significativo. Além disso, esse pilar envolve o desenvolvimento de habilidades relevantes para a realidade atual, com destaque para a capacidade de pensar logicamente e agir com autonomia. Nesse sentido, a tecnologia e a inovação desempenham um papel fundamental, ao permitirem o acesso, à produção e a disseminação do conhecimento de forma rápida e eficiente. O conceito de aprender a conhecer se baseia principalmente na habilidade de aprender a aprender, praticando a atenção, a memória e o pensamento. Por isso, aprender a conhecer assume uma importância dual, servindo tanto como meio para outros objetivos quanto como objetivo essencial na vida profissional.

A relevância desse aspecto é ressaltada pela influência das reflexões de Gardner sobre o conceito de inteligência múltipla. Compreender a importância da participação ativa e da troca de experiências em ambientes de aprendizagem é essencial em um contexto profissional. A teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, proposta em 1983, sugere que existem diferentes tipos de inteligência que são relativamente independentes umas das outras. De acordo com Gardner (1983), “as pessoas têm habilidades e talentos únicos que podem ser expressos de várias maneiras” (citado por Cherry, 2023, p. 2). Ele identificou oito tipos de inteligência: linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Essa perspectiva desafia a visão tradicional de que a inteligência é uma capacidade única e inata que pode ser medida por testes de QI. Em vez disso, Gardner argumenta que as pessoas têm múltiplas inteligências que podem ser desenvolvidas e aprimoradas ao longo da vida. Essa citação mostra que o aprender a conhecer não se restringe a um tipo único de inteligência, mas sim à diversidade e à pluralidade das formas de pensar e conhecer.

Um desafio relacionado ao paradigma do aprender a conhecer é lidar com a abundância e a mutabilidade da informação no mundo contemporâneo. Conforme o conhecimento se expande e se desenvolve constantemente, é cada vez mais inviável adquirir um conhecimento detalhado em todas as áreas. Após a conclusão da educação básica, buscar a

proficiência em todas as disciplinas se torna uma meta inatingível. No entanto, isso não significa que devemos abandonar o objetivo de compreender o mundo ao nosso redor. Pelo contrário, é necessário desenvolver abordagens flexíveis e adaptativas que nos permitam lidar com a complexidade e a incerteza do conhecimento.

A hiperespecialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas), quanto do essencial (que ela dissolve). Impede até mesmo tratar corretamente os problemas particulares, que só podem ser propostos e pensados em seu contexto. Entretanto, os problemas essenciais nunca são parcelados e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Enquanto a cultura geral comportava a incitação a busca da contextualização de qualquer informação ou ideia, a cultura científica e técnica disciplinar parcela, desune e compartimenta os saberes, tornando cada vez mais difícil sua contextualização. (Morin 2001, p.41)

É imprescindível destacar a importância de possuir um conhecimento amplo, mesmo ao buscar especialização, uma vez que é fundamental ter habilidade em lidar profundamente com diversos assuntos. Portanto, é essencial combinar essas duas abordagens e desenvolver uma base sólida de conhecimento. Isso não apenas possibilita comunicação em vários idiomas, mas também amplia a gama de conhecimentos.

Como mencionado por Delors (1998), a aprendizagem é contínua e ocorre em todos os momentos e lugares, seja em casa com a família, no parque com os amigos ou mesmo no ambiente de trabalho. A aprendizagem não se restringe à sala de aula. Portanto, devemos estar abertos e dispostos a aprender sempre, aproveitando todas as oportunidades que surgem em nosso caminho. A vida é uma jornada incessante, repleta de valiosas lições que constantemente nos incentivam a nos tornarmos indivíduos melhores. Podemos adquirir essas valiosas lições em várias circunstâncias, seja durante momentos de descontração com amigos no parque ou no ambiente acadêmico, na sala de

aula. A aprendizagem se desenvolve e aprimora através das experiências vividas, como música, literatura e artes em geral, bem como das interações sociais diárias de cada indivíduo.

O conectivismo tem se dedicado a explorar áreas do aprendizado que têm sido negligenciadas pelas teorias do behaviorismo, cognitivismo e construtivismo. Isso se deve à falta de preocupação dessas teorias com os elementos tecnológicos emergentes e as implicações decorrentes desses avanços. No entanto, o conectivismo visa preencher essa lacuna, reconhecendo a importância e o impacto das novas tecnologias na educação. Com uma abordagem inovadora, os especialistas em conectivismo têm recentemente iluminado áreas que antes eram pouco conhecidas, fornecendo uma compreensão mais abrangente e atualizada do processo de aprendizagem.

A aprendizagem mediada pela tecnologia na teoria conectivista envolve a integração de atitudes dos participantes, impulsionadas por princípios explorados através do caos, das redes de relacionamento (ativas e passivas) e de um alto grau de complexidade e auto-organização. As coleções de elementos difusos estão em constante movimento e sujeitas a mudanças, podendo, em alguns momentos, perder o controle sobre os limites do campo de criação do conhecimento. A regulação é um desafio constante e em constante evolução.

As teorias da aprendizagem estão preocupadas com o processo atual de aprendizagem, não com o valor do que está sendo aprendido. Em um mundo ligado em rede, a espécie exata de informação que adquirimos é explorando a sua importância. A necessidade de avaliar a importância de aprender alguma coisa é uma metabilidade que é aplicada antes da própria aprendizagem começar. Quando o conhecimento é sujeito à parcimônia, o processo de avaliar a importância é assumido como intrínseco à aprendizagem. Quando o conhecimento é abundante, a avaliação rápida do conhecimento é importante. Preocupações adicionais surgem do rápido aumento da

informação. Nos ambientes atuais, frequentemente, a ação é necessária sem aprendizagem pessoal – isto é, é preciso agir buscando informações fora do nosso conhecimento primário. A habilidade de sintetizar e reconhecer conexões e padrões é uma habilidade valiosa. (Siemens, 2004, citado por Martins, 2020, p. 8)

No atual contexto de intensificação do fluxo de informações, é imprescindível reconhecer que estamos diante de um cenário aparentemente caótico. Nesse sentido, é de suma importância capacitar indivíduos na habilidade de discernir o que é verdadeiramente relevante do que carece de importância. Os princípios éticos, morais e os valores amplamente aceitos na sociedade devem servir como referências inequívocas em qualquer processo de aprendizagem. É de extrema importância que os alunos tenham a oportunidade de familiarizar-se e explorar tais princípios em sala de aula, a fim de promover um desenvolvimento pleno.

A pedagogia contemporânea encontra consonância com as ideias de Siemens e seu conceito de conectivismo, direcionando, assim, o foco para a análise de estratégias de ensino e aprendizagem que valorizem a autoria e a colaboração por meio da rede.

Portanto, ensinar apenas sobre tecnologia e usando tecnologia não é o bastante. Atualmente, é fundamental promover a educação com foco na cidadania digital. É através dela que podemos aproveitar ao máximo as inúmeras oportunidades que a tecnologia nos oferece. Podemos, ao mesmo tempo, afirmar nosso papel na edificação de uma sociedade mais justa, humana e solidária, alimentada pela ampliação do acesso ao conhecimento.

Relevância do paradigma de Aprender a Fazer na Educação: exploração de habilidades práticas e aplicação do conhecimento na formação educacional

Aprender a fazer refere-se à aplicação e à prática do conhecimento, habilidades e destreza. Isso é demonstrado mediante ações, iniciativas, concretizações, operacionalismo, transferência e valor prático e objetivo nas coisas e relações pessoais. Embora o segundo pilar, aprender a fazer, tenha uma grande relação com aprender a saber, a visão prática e utilitarista da aprendizagem pretende preparar os indivíduos para atender ao sistema, perdendo-se de vista o aprender a fazer como complemento do aprender a saber. Nesse sentido, podemos citar Freire (2016) em seu livro "Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa", que destaca a importância de criar as possibilidades para a produção e construção do conhecimento pelos próprios alunos. Essa abordagem enfatiza a autonomia do aluno no processo de aprendizagem, em que o papel do professor é criar condições para que o aluno possa construir seu próprio conhecimento.

Aprender a Fazer reconhece a importância de não apenas adquirir conhecimento teórico, mas também de saber como aplicá-lo de maneira significativa. Isso envolve a exploração de situações concretas, o uso de ferramentas e técnicas relevantes e a realização de atividades práticas que promovem uma compreensão profunda e a resolução de problemas reais.

Este pilar destaca a necessidade de preparar os alunos para enfrentar desafios práticos em diversas áreas, desde a solução de problemas técnicos e científicos até a resolução de dilemas sociais e éticos. Isso não apenas os equipa para o mercado de trabalho, onde a aplicação prática do conhecimento é essencial, mas também os capacita como cidadãos ativos e participativos, capazes de contribuir para o progresso da sociedade.

Com este pilar, a educação envolve a promoção da aplicação prática do conhecimento, o desenvolvimento de

habilidades práticas, o cultivo da resolução de problemas e a capacitação dos alunos para enfrentar os desafios da vida com confiança e eficácia.

Segundo Freire (2016) em seu livro "Pedagogia da Autonomia", a educação deve ser um processo de libertação, em que os alunos são incentivados a refletir criticamente sobre o mundo ao seu redor e a agir para transformá-lo. Freire destaca a importância da autonomia do aluno no processo de aprendizagem, em que o papel do professor é criar condições para que o aluno possa construir seu próprio conhecimento. Essa abordagem enfatiza a importância da aplicação prática do conhecimento, do desenvolvimento de habilidades práticas e da resolução de problemas, a fim de capacitar os alunos a enfrentar os desafios da vida com confiança e eficácia.

A partir do que foi apresentado, não é possível dissociar o primeiro pilar, aprender a saber, do segundo, aprender a fazer. No entanto, não se deve permitir que o aprender a fazer, estando a serviço de uma lógica instrumental, prevaleça sobre o aprender a saber, gerando indivíduos mecanicistas e reducionistas em vez de indivíduos críticos, construtivos e emancipados.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (Morin, 2001, p.39).

A teoria sócio crítica fornece elementos para fundamentar o pilar do aprendizado. Ela apresenta a educação como um processo sociopolítico-econômico global baseado em valores sociais, onde os conteúdos devem ser contextualizados e provocar reflexões para mudanças pessoais e sociais, visando uma prática planejada, refletida e consciente.

O pilar Aprender a Fazer reconhece que a educação não ocorre de forma básica, mas sim em um contexto sociopolítico e econômico mais amplo. A educação está intrinsecamente ligada aos valores, crenças e normas sociais de uma sociedade, e também é influenciada por fatores psicológicos e psicossociais. Isso significa que os currículos e as abordagens de ensino não devem ser vistos de maneira educativa, mas sim como parte integrante de uma estrutura social maior.

Contextualizar os conteúdos de ensino nesse pilar, implica que o conhecimento não é transmitido de forma neutra, mas sim num contexto que considera a cultura, a história, as questões éticas e as dinâmicas sociais. Isso ajuda os alunos a entenderem como o que estão aprendendo se relacionam com o mundo em que vivem e como eles podem aplicar esse conhecimento de maneira significativa.

Essa abordagem busca provocar mudanças pessoais e sociais por meio da conscientização. Os alunos são encorajados a se envolverem em discussões sobre questões globais, locais e individuais, a fim de desenvolver um senso de responsabilidade em relação à sociedade e ao meio ambiente. Eles são motivados a se tornarem cidadãos ativos e participativos, capazes de contribuir para a resolução de desafios sociais e de tomarem decisões tributárias e éticas.

A reflexão é uma parte fundamental desse processo. Os alunos são incentivados a refletir sobre suas experiências de aprendizado, a considerar o que aprenderam e como isso pode ser aplicado em diferentes situações. Isso promove a metacognição, ou seja, a capacidade de pensar sobre o próprio pensamento e aprendizado, o que leva a uma prática mais consciente e eficaz. A Pedagogia Progressiva, com contribuições de Paulo Freire (1970) no Brasil e outros, considera que o conhecimento deve ser uma ferramenta essencial para intervir no mundo. Assim, podemos citar Goleman (1995), que destaca a importância das habilidades comportamentais, como a inteligência emocional, em organizações do futuro. Segundo Goleman, essas habilidades serão cada vez mais valorizadas em

um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

As pessoas estão se tornando cada vez mais conscientes de que para fazer parte do progresso e da evolução, é necessário desenvolver uma cultura científica, mesmo em situações incertas. Além disso, é importante desenvolver a capacidade de enfrentar diferentes desafios e trabalhar em equipe. Nesta perspectiva, a dimensão do “saber fazer” se concentra na aplicação do conhecimento de maneira planejada, reflexiva e consciente, ao mesmo tempo, em que contribui para atender às necessidades individuais, sociais e profissionais do indivíduo.

Aprender a fazer é essencial para o desempenho das pessoas em seus ambientes sociais e profissionais. É uma forma de educação para o sucesso, pois o desenvolvimento pessoal ocorre em etapas graduais e consecutivas, desde os processos mentais até a elaboração mais complexa de transposição e aplicação do conhecimento adquirido através do pensamento produtivo. Em outras palavras, aprender a fazer se refere a utilizar o conhecimento na realidade, mediante habilidades, destrezas e capacidades. É o momento de aplicar o que se aprendeu na vida cotidiana, para o próprio desenvolvimento. A ação é resultado de um processo de pensamento projetado na realidade e a realidade só muda com decisões, compromissos e ações, não somente com intenções.

Em resumo, o pilar “Aprender a Fazer” no aprendizado reconhece a educação como um processo social e contextualizado, e busca provocar reflexões que levem a mudanças pessoais e sociais positivas. Isso é alcançado através da aplicação consciente do conhecimento, da consideração das engenharias éticas e sociais, e da promoção de uma prática intuitiva e refletida.

A relevância do paradigma de Aprender a Conviver na formação de cidadãos conscientes e responsáveis

Sendo o terceiro pilar, a habilidade de conviver é um elemento essencial para o desenvolvimento humano, uma vez que as pessoas vivem em comunidades e é necessário haver

interação entre si. Essa capacidade é um dos principais desafios da educação contemporânea, dada a crescente violência e conflitos presentes na sociedade.

É fundamental explorar a perspectiva do outro como parte essencial do autoconhecimento. Ao compreender suas atitudes e valores, é possível cultivar a empatia e a compreensão mútua, fortalecendo a convivência pacífica necessária para o sucesso futuro. Um aspecto relevante desse processo é aprofundar o ensino sobre diversidade religiosa, étnica e cultural, pois o conhecimento desempenha um papel crucial na transformação de comportamentos e paradigmas para uma aprendizagem mais significativa. Ao aprender a conviver com pessoas de diferentes origens, os indivíduos desenvolvem empatia, respeito e habilidades de comunicação interpessoal, preparando-os para contribuir de maneira construtiva em uma sociedade globalizada.

Este pilar reconhece a importância de desenvolver habilidades sociais e emocionais para fomentar interações saudáveis e construtivas, que não apenas enriqueçam a vida pessoal, mas também contribuam para uma sociedade mais coesa e harmoniosa.

A descoberta do outro é fundamental para nos conhecermos melhor, pois envolve a compreensão de atitudes e valores. A empatia desempenha um papel importante neste processo, pois ao conhecer a si, é possível colocar-se no lugar dos outros e aprender que a convivência pacífica é um caminho para alcançar um futuro melhor. Aprofundar o ensino sobre diversidade religiosa, étnica e cultural pode ser crucial para esse aprendizado, pois o conhecimento é uma ferramenta ativa na mudança de comportamentos e paradigmas.

Para resolver essa situação, é necessário “viver juntos, desenvolvendo a compreensão do outro e a noção de interdependência, realizando projetos comuns e preparando-se para gerenciar conflitos, respeitando valores como pluralismo, compreensão mútua e paz” (Delors, 2001, p. 102). Segundo este mesmo autor, então:

A educação formal deve, pois, reservar tempo e ocasiões suficientes em seus programas para iniciar os jovens em projetos de cooperação, logo desde a infância, no campo das atividades desportivas e culturais, evidentemente, mas também estimulando a sua participação em atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações [...]. As outras organizações educativas e associações devem, neste campo, continuar o trabalho iniciado pela escola. Por outro lado, na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor/aluno. (Delors, 1998, p. 99)

As palavras de Delors destacam a importância das instituições de ensino em desenvolver este pilar importante nos alunos, através do qual eles aprendem a se relacionar e compreender a relação entre si e com os outros, bem como a se conhecerem a si próprios.

A descoberta do outro é fundamental para nos conhecermos melhor, pois envolve a compreensão de atitudes e valores. A empatia desempenha um papel importante neste processo, pois ao conhecer a si, é possível colocar-se no lugar dos outros e aprender que a convivência pacífica é um caminho para alcançar um futuro melhor. Aprofundar o ensino sobre diversidade religiosa, étnica e cultural pode ser crucial para esse aprendizado, pois o conhecimento é uma ferramenta ativa na mudança de comportamentos e paradigmas.

De acordo com Cecília Braslavsky (2002), é importante incluir itens discutidos na 46ª Conferência Internacional de Educação, realizada em Genebra em setembro de 2001, como necessidades de aprendizagem para viver juntos e garantir a participação social, para encontrar soluções adequadas para esses desafios. Aprender a viver juntos requer o desenvolvimento da

cidadania, exige conhecimentos e requer cooperação e intercâmbio.

Aprender a conviver é um aspecto importante na educação para pessoas em desenvolvimento. Essa educação deve visar objetivos comuns e reduzir diferenças. Quando se trabalha em cooperação em atividades esportivas, culturais e em apresentações de feiras de livros e profissões, tende-se a estabelecer uma convivência de ajuda, intercâmbio de ideias e alegria. Os conflitos perdem força e dão lugar à construção de um grupo coeso, harmonioso e feliz, que serve como referência para a vida futura.

A relevância do Aprender a Ser na Educação

É fundamental que a pedagogia adotada não negligencie o aluno e suas vivências, e que esteja centrada na subjetividade do aluno e no encontro entre docente e discente, exigindo um educador “problematizador” em detrimento da tradição. Como afirma Thiago Rodrigues (2015), “a metáfora é uma mediação pedagógica que pode ser utilizada para a construção de significados e para a compreensão de conceitos complexos, pois permite a aproximação entre o conhecido e o desconhecido, entre o concreto e o abstrato”. Dessa forma, é preciso partir da realidade que circunda o aluno e dos problemas que o afligem, e não de uma “grade curricular” pronta e pré-definida. A partir desses pressupostos, o educador deve ser aquele que provoca o aluno a problematizar a realidade antes de impor um referencial teórico apartado da realidade social e existencial do educando.

O relatório submetido à UNESCO destaca a importância da educação como um processo contínuo e em constante atualização, visando à qualidade total. Ele sugere que o “aprender a ser” contribua para o desenvolvimento integral do indivíduo em todos os aspectos do conhecimento, incluindo inteligência, habilidades para pensar e critérios de raciocínio lógico, fundamentado na cultura, diversidade e conhecimento científico.

O ser humano é composto tanto pelo sujeito individual (eu) quanto pelo sujeito coletivo, devido à natureza dialogante do ser humano. De acordo com Dulce Melão (2021), “a leitura literária é uma prática social que pode contribuir para a formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de compreender e interpretar o mundo em que vivem”. Portanto, para o processo de aprender a ser, é necessária a relação entre o eu e o outro, uma vez que o indivíduo precisa estar em diálogo com o coletivo. Além disso, a literatura pode ser uma ferramenta importante para a formação do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais.

O aprendizado ao longo da vida não se limita apenas às instruções ensinadas em sala de aula, mas também se baseia na interação com os outros e na prática própria. É sabido que as crianças aprendem muito através de seus colegas em qualquer ambiente em que estejam, e também aprendem através do que veem e ouvem no mundo. Tanto dentro como fora da sala de aula, as crianças desenvolvem habilidades para discutir e explorar tópicos relevantes em um contexto de confiança e respeito mútuo.

Aprender a ser deve ser considerado de extrema importância na atualidade, ao preparar o indivíduo para desenvolver sua capacidade de aprender a conhecer, a fazer e a conviver. Além disso, o 'ser' se refere ao ser humano na totalidade, portanto, o aprendizado deve abranger todas as possibilidades de cada indivíduo. Aprender a ser é um processo contínuo que dura a vida toda, é um processo que requer esforço, persistência e dedicação. Mas vale a pena, pois nos torna pessoas melhores e nos prepara para enfrentar os desafios do mundo, nos tornando mais humanos, auxiliando na conexão com o outro, para a construção de um mundo melhor. O pilar “aprender a ser” é sobre o desenvolvimento da personalidade e da identidade de cada indivíduo, é ser autônomo, crítico, criativo e responsável, é importante porque nos ajuda a tornarmos cidadãos mais ativos e participativos na sociedade, ajuda a tomar decisões informadas, a resolver problemas e a viver em harmonia com os outros, aprendendo a respeitar a diversidade valorizando as diferenças

entre as pessoas e reconhecendo que todos temos algo a contribuir. E sendo assim, faz-se necessário desenvolver habilidades como:

Autoconhecimento: saber quem somos, quais são nossos valores, nossos interesses e nossas habilidades. **Autoconfiança:** acreditar em nós mesmos e em nossas capacidades.

Responsabilidade: assumir as consequências de nossos atos e respeitar os direitos dos outros.

Autoconfiança: acreditar em nós mesmos e em nossas capacidades.

Autonomia: conseguir tomar decisões por nós mesmos e de agir de forma independente.

Criatividade: ter novas ideias e soluções para problemas.

O desenvolvimento holístico permite que o sujeito olhe para si, reconheça suas próprias habilidades e descubra suas próprias deficiências. E, quem não vê a necessidade de ajuda não como uma fraqueza, mas como uma oportunidade de crescimento diferenciado. A pessoa que mantém sua autoestima porque não busca aperfeiçoamento, mas melhora a cada dia, essa autoestima é “a deliciosa emoção da bem-aventurança de ser” (Antunes, 2013, p. 72).

O decurso para o desenvolvimento pleno, não é apenas memorizar informações ou agir para se adequar a um padrão imposto, é permitir que algo que já existe cresça, mesmo que de forma simples. Fica claro, então, que o caminho de aprender a conhecer, a agir, a conviver e a ser tem um ponto de partida, para o caminho do aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser.

O autodesenvolvimento, ao longo do processo formativo, deve fornecer elementos que o levem a um crescimento contínuo, íntegro e equilibrado em todas as áreas da vida, trazendo confiança, autoestima e respeito aos seus (Silva, 2017). Acredita-se que o indivíduo deve ser o protagonista da

vida, todo o seu processo de formação, com base nos quatro pilares da educação.

Aprender a Ser é sobre uma pessoa que consegue transitar entre ambientes, públicos e linguagens sem parecer despreparada, aos mais cultos, ou no caso mais simples, inacessível ou arrogante. Alguém que saiba falar com jovens e adultos, transmitir e absorver conhecimentos, mas não comprometa seu lugar no mundo.

Mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino. (Delors, 1998, p. 100)

Dessa forma, é possível abordar toda a diversidade da sociedade atual sem perder a própria identidade, mas sem discriminar quem difere de si, aquele com quem há paz, não conflito. Uma existência mantém a força de caráter e não abre mão do que acha certo, mas também é sensível a situações que exigem soluções imediatas e diferenciadas.

A educação também permite desenvolver, habilidades, talentos que ensinam como pensar criticamente, como resolver problemas e como comunicar ideias, permitindo que as pessoas sejam donas de seu próprio destino, ensinando a pensar por si mesmas e a tomar suas próprias decisões, dando assim, a liberdade de escolher seu próprio caminho na vida.

Em síntese, o 'aprender a ser' é o processo de educação que permite o desenvolvimento integral do indivíduo, baseado na interação com os outros, na prática própria e na exploração de tópicos relevantes. Assim, o aprendizado ao longo da vida prepara o indivíduo para desenvolver suas habilidades e capacidades, contribuindo para o seu bem-estar e desenvolvimento.

Considerações finais

Neste artigo, exploramos a relevância dos quatro pilares da educação para o século XXI, propostos pela UNESCO em 1996: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Durante nossa análise, discutimos como esses pilares podem ser aplicados na prática educacional, considerando diferentes áreas e níveis de ensino, e apresentamos exemplos concretos de sua implementação em diversos contextos educacionais, tanto a nível nacional quanto internacional.

Através dessa exploração, foi possível compreender que os quatro pilares da educação são uma proposta inovadora e abrangente, que busca integrar as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e éticas da educação. Essa abordagem se alinha perfeitamente com os princípios do desenvolvimento sustentável, e tem como objetivo formar indivíduos capazes de lidar com os desafios e demandas da sociedade contemporânea.

A relevância desses pilares reside no fato de que eles proporcionam uma base sólida para o desenvolvimento humano e social. Ao aprender a conhecer, os indivíduos adquirem habilidades de pensamento crítico e reflexivo, bem como a capacidade de aprender continuamente ao longo da vida. Aprender a fazer implica no desenvolvimento de habilidades práticas e técnicas, que são essenciais para o mercado de trabalho e para a atuação cidadã.

Aprender a conviver destaca a importância das habilidades sociais e da capacidade de lidar com a diversidade e o diálogo. É fundamental para a formação de cidadãos responsáveis, capazes de construir relações saudáveis e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Por fim, aprender a ser refere-se ao desenvolvimento integral do indivíduo, englobando não apenas o seu conhecimento e habilidades, mas também sua identidade, valores e ética.

Ao implementar os quatro pilares da educação, os sistemas educacionais podem promover uma educação de

qualidade, que prepara os indivíduos para enfrentar os desafios do século XXI. Essa abordagem contribui para a formação de uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável, onde os direitos humanos são respeitados e a diversidade é valorizada.

No entanto, é importante ressaltar que a implementação efetiva dos quatro pilares da educação requer o envolvimento de todos os atores educacionais, incluindo professores, gestores, famílias e comunidades. Além disso, é necessário promover investimentos adequados em infraestrutura, formação de professores e recursos educacionais, a fim de garantir que esses pilares sejam efetivamente integrados ao currículo e às práticas pedagógicas.

Em suma, os quatro pilares da educação são de extrema relevância para o século XXI. Eles oferecem uma abordagem abrangente e integrada para a educação, que visa formar indivíduos capacitados, conscientes e comprometidos com a construção de um mundo melhor. Ao adotar e promover esses pilares, estaremos investindo no desenvolvimento humano e social, construindo um futuro mais promissor para as gerações presentes e futuras.

Referência bibliográfica

- Antunes, C. (2013). *A prática dos quatro pilares da Educação na sala de aula* (3ª ed.). Vozes.
- Braslavsky, C. (2002). *Educação para todos para Aprender a Viver juntos: um desafio prioritário no século XXI*. [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127147?posInSet=3&queryId=79b31aae-](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127147?posInSet=3&queryId=79b31aae)
- Delors, J. (1998). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. UNESCO-MEC.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra. São Paulo
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Objetiva.
- Martins, G. (2020). *Tecnologias integradas à sala de aula: diálogos com as teorias de aprendizagem*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, 21–29.
- Melão, D. (2021). *Pelos mares da leitura literária no ensino superior: há lugar(es) para/(d)o livro na era digital? Estudos Discursivos das Práticas de Linguagem: 1*, 875-896. <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/4648>
- Morin, E. (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez.
- Rodrigues, T. (2015). *Da metáfora como mediação pedagógica (educação e filosofia)*. Academia.edu. 29(58), 689-699. <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/26237>
- Silva, R. D. (2017). *Os quatro pilares da educação como ideias guias para a psicopedagogia contemporânea*. Revista TC Brasil, 1(2), 252-278. ISSN 2527-0532. João Pessoa.